

José Ferreira Soares é natural da Bajouca e tem 65 anos. Actualmente reformado, motorista de profissão e durante 25 anos Presidente da Junta de Freguesia da Bajouca, concelho de Leiria.

Qual foi a sua profissão durante o 25 do Novembro?

Eu já era motorista, mas nessa altura, por uma dificuldade física que a minha esposa tinha, trabalhava na carpintaria da Bajouca quando soube da notícia do 25 de Novembro.

Qual era o seu lugar no PSD Leiria?

Nessa altura, eu já era militante do PSD e andava ocorrente de determinadas coisas que aconteciam em Leiria, como, por exemplo, já tínhamos andado debaixo de fogo e a passar debaixo de carros. Quando recebemos o alerta de que algo se estava a passar em Monte Real, para nós era mais uma idêntica àquelas de que se vinham fazendo. Já estávamos acostumados a mobilizar e foi o que fizemos de seguida.

Porque motivo participou no 25 de Novembro de 1975? Contactaram com a outra manifestação?

Como sabe, e hoje não é diferente, a política só é válida se tiver organizada e com certeza de que cada área política se mobiliza no seu sentido e nesse caso eu era PSD e como calcula o 25 de Abril não tinha sido há muito tempo e eu recorde-me que quando me filiei no PSD corri alguns riscos porque era considerado um partido da Direita. O 25 de Abril é feito numa altura em que a política moderada andava praticamente apagada. Qual era a política organizada que existia? Os socialistas e pouco mais. O resto não existia, mas existia a chamava Acção Nacional Popular. Recorde-me de vir da tropa e assistir às reuniões, que foi onde comecei a votar. Fui a umas duas ou três porque me convidaram para ir, e daí que já tinha algum conhecimento do panorama político. Depois quando se forma o PSD nacional, mais as distritais e concelhias, fui uns dos primeiros filiados e na Bajouca era o único. Quando havia alguma coisa, telefonavam-me e era a partir de mim que havia a mobilização e foi isso que fizemos. A minha missão foi organizar as pessoas da Bajouca. Cá, o 25 de Novembro terá começado à volta das 11h. Recebi o telefonema por volta das 11h30, a dizer que era preciso ir para Monte Real e depois larguei o trabalho, comecei a mobilizar as pessoas, tocou-se o sino de rebate e às 14h saiu um carro de carga que levava cerca de cento e tal

peessoas para Monte Real. Quando lá chegámos, fomos os primeiros a chegar lá, excepto a Marinha Grande, mas temos que separar as manifestações. Quando chegamos lá, não havia ninguém da ala moderada. Havia um grupo bastante significativo de apoio aos pára-quedistas próximo da base. Como calcula muitas pessoas não se apercebiam da realidade das coisas, e quando chego, vi os pára-quedistas e aqueles movimentos todos, fui caminhando para o lado e ouço viva aos pára-quedistas e apercebi-me logo que a manifestação da Marinha Grande era de apoio aos pára-quedistas. Disse à malta que nós ainda éramos uma “gota de água no oceano” para a quantidade de pessoas que lá estavam. Eu tive o cuidado de não alarmar muito e disse para eles deixarem-se estar no mesmo sítio que eu tinha de ir à Bajouca. Vim novamente com o camionista, toquei o sino de rebate e fomos para lá novamente. Quando lá chegamos, já havia mais umas quantas pessoas, mas não eram muitas e qual não é o meu espanto quando começo a procurar a malta da Bajouca e fui dar com eles dentro da manifestação da Marinha Grande, isto porque de política muitos não percebiam e até pensavam que estavam a fazer um bom trabalho. Quando me apercebo, digo-lhes para saírem de lá porque era uma manifestação de apoio aos rebeldes e nós tínhamos de ir para outro lado. Eu procurei avisar calmamente o pessoal da Bajouca a sair de lá, mas o Amadeu, um manifestante que estava comigo, como era mais “parvalhão” começa a disparatar para sairmos de dentro da manifestação de apoio porque só se encontravam lá os comunistas da Marinha Grande. Só se ouviu eles dizerem, tu, tu e tu seguem este e tu, tu e tu seguem aquele. Foi um grupo para perseguir o Amadeu e outro para me perseguir a mim e a minha esposa. Nós tivemos oito ou nove cavalões atrás de nós e fomos perseguidos até entrarmos nos pinhais e o Amadeu seguiu em direcção a Monte Real. Ele tinha uma motosserra e quando os perseguidores deles se começaram a aproximar, ele ligou-o e avisou-os para não se aproximarem mais, se não cortava-os todos. Claro que libertou-se, mas nós não tínhamos nada. O painel que está na minha sala alusivo ao 25 de Novembro tem as forquilhas e as enxadas porque nós quando começamos a entrar numa vasta área do Pinhal de Leiria, a minha esposa virou-se para mim e disse-me que era hoje [que faleceríamos], que a Inês e o Licínio já sobreviviam mas o problema era o Miguel porque tinha nascido em Julho e precisava de leite materno. Seguidamente parece que aconteceu um milagre, avistámos ao longe um rancho de gente a juntar mato. Disse para a minha mulher ter calma e dirigimo-nos para esse rancho que não sabia de nada e estava a “dois passos” da base. Chegámos perto deles e perguntei-lhes se podíamos ficar perto deles, eles responderam afirmativamente e perguntaram o porquê,

ao que eu respondi que estávamos a ser perseguidos por um grupo. Eles paravam de trabalhar e seguraram as forquilhas e enxadas de maneira a repudiar o grupo que nos perseguia, o que aconteceu. O painel não é tanto alusivo ao que se passou na base, mas sim um símbolo do que se passou connosco. Dois do rancho seguiram comigo até à estação de caminhos-de-ferro de Monte Real e lá telefonei para a Bajouca e vieram mais quatro ou cinco carradas de pessoal.

Número de participantes na manifestação?

Na Bajouca, por volta da meia-noite, já não estava ninguém em casa, e quem não estava em Monte Real, estava na capela velha a rezar. A partir dessa hora andei sempre entre a Bajouca e Monte Real porque a partir de uma certa hora não deixávamos entrar ninguém na Bajouca, só se fosse controlado. Nós estávamos organizados e às quatro da manhã a revolta na Base de Monte Real acabou e nos quisemos vir embora, o que não aconteceu porque nos furaram as rodas dos autocarros. [A Bajouca nessa altura tinha perto de 2000 habitantes].

Como foi a cooperação com o PS de Leiria?

Eu penso que o PS se neutralizou e mesmo o PSD, tenho dúvidas. Como já tinha sido tropa não tinha medo das armas, sabia que os pequenos vão sempre para a frente e os grandes ficam sempre atrás, foi o que aconteceu nesse dia porque tenho de lhe dizer que a Bajouca chegou lá às 14h e Leiria chegou muito depois das 18h, isto porque os pressionei através de telefonemas e disse-lhes para eles virem, se não íamos embora. Aquilo esteve muito próximo de rebentar. O PS na altura era um partido muito mais forte do que PSD e nenhum político deles ousou da palavra na Base Aérea. Não quer dizer que eles não tivessem ido, mas não me apercebi de os ver lá, também porque era uma manifestação muito grande.

Levaram algum utensílio que pudesse servir de defesa pessoal?

Nunca utilizei nada. Muita gente levou a enxada e a forquilha porque andavam a trabalhar nas terras e havia o hábito de levar algum utensílio que pudesse servir de defesa pessoal, mas por isso é que eu digo que o painel não é tanto a mostrar a quantidade que estava, mas quero dizer-lhe que quando os pára-quedistas tiveram quase ordem para disparar, só faltou o fogo. O senhor andou na tropa?

Não.

Sabe que para disparar fogo é assim. Primeiro firme, depois sentido, em posição arma que é por a arma em posição de disparar com dedo no gatilho, e portanto, aquilo esteve seis ou sete horas [de incerteza] e eu como já tinha sido tropa, sabia que depois de metade do tempo o perigo já tinha passado, isto porque nós verificamos que a maior parte dos militares em posição de formatura urinou-se antes dos eventuais disparos. Eles estavam formados em frente à Base, que permanece com igual estética ainda hoje, eram uma quantidade significativa que estava todo em fila e em posição de disparar, mas muitos como eu passaram para a frente porque ninguém tinha medo e sabíamos que só morríamos meia dúzia, mas deles não ficaria nenhum. Nós agarramos a rede e com dois ou três empurrões ela cairia. Eles tinham o comandante da Base preso e nós obrigamo-los a mostrarem-no, para termos a certeza de que ele não estava morto. A partir do momento que o mostraram, tal acto significou quase que uma rendição e depois quando nós começamos a forçar a rede, eles começaram a urinarem-se. A partir daí, eles deixaram vir o comandante. Vieram os aviões de Ovar e julgo que levantaram dois ou três aviões com pára-quedistas e foram-se embora. Por volta das 4h [dia 26 de Novembro], o comandante da Base veio ter connosco e disse que tudo estava bem, apesar de eles terem dado ordens no sentido de armar os aviões, mas que estes tinham ficado amarrados.

O Sá Carneiro falou da acção da Bajouca, numa altura que ele veio a Leiria, eu fui à tribuna com ele, ele teve consciência de que foi a acção da Bajouca e depois a de Leiria, que influenciaram o desfecho de Monte Real e do 25 de Novembro, e que permitiu ao país livrar-se de outra ditadura.

Houve feridos em Monte Real?

Houve umas escaramuças mas não foi nada de especial. Pode ter havido mistura [entre as duas manifestações], mas nada de especial. Nem sequer ambulância nenhuma lá foi. A manifestação da Marinha Grande foi logo embora. Podia algum mais arrojado ter ficado por lá e ter sido topado, mas eles nem sequer chegaram a passar do cruzamento da estrada velha, que fica entre a Base e a freguesia de Amor.

Eles tinham algum utensílio que pudesse servir de defesa?

Julgo que não. Eles pensavam que nos desmobilizavam com a perseguição.

Lembra-se da mensagem do José Ferreira Júnior?

Houve diversas intervenções, e quando há a rendição, destacados políticos entraram dentro da Base para se certificarem que tudo estava bem. Só a partir da tal mensagem deles é que nós desmobilizamos. Aquilo era uma multidão de mais de dez mil pessoas, de todo o concelho de Leiria, porque a mensagem começou a espalhar-se e nós já íamos com a terceira ou quarta carrada quando Monte Redondo tocou o sino de rebate pela primeira vez, depois foi Monte Real, Souto da Carpalhosa e toda a população circundante. Rente à noite as pessoas começaram a misturar-se. Na altura quem estava responsável em Leiria pela acção política do PSD, era o Tomás Oliveira Dias, José Ferreira Júnior e o Sapinho.

Qual a tradição inerente ao toque dos sinos?

Quando havia alguma emergência tocava-se o sino de rebate, isto porque não existiam bombeiros nem outros serviços que pudessem actuar em situações de emergência.

O que aconteceu nos dias seguintes?

Depois existiram reuniões, eu fui a muitas reuniões em Leiria e quando elas acabavam, ninguém arriscava sair porque todos ficavam à espera a ver quem saía primeiro. O PSD foi perseguido porque era o partido mais à direita que existia na zona, o PP só apareceu mais tarde, muito embora o Sá Carneiro falasse muita na política liberal, era o PSD que andava nos “cornos do touro”, porque o Mário Soares andou muito ano enrolado entre o Sá Carneiro e o Álvaro Cunhal, não sabia para que lado se havia de virar.

Lembra-se dos acontecimentos na fábrica de vidro dos Pousos, Leiria?

Soube o sucedido mas não estive. Recordo-me de o Otelo dizer que era preciso pegar em todos desta zona, e varrê-los no Campo Pequeno. A partir daí, corremos risco. O 25 de Abril aconteceu e assistimos ao acontecimento. O 25 de Novembro é diferente, assistimos ao 25 de Novembro e para minha tristeza, como membro da Assembleia Municipal de Leiria que fui durante muitos anos e recordo-me quando o 25 de Novembro comemorou 25 anos, se não era de comemorar o 25 de Novembro, principalmente no concelho de Leiria, e nem o PS podia ouvir falar nisso, isto porque a Bajouca teve um papel preponderante e Leiria não. Se o 25 de Abril foi a instauração da

democracia, o 25 de Novembro foi um complemento da democracia porque até aí o país andava muito instável e toda a gente se interrogava onde isto ia parar. Depois do 25 de Novembro acalmou.

Sentiu-se discriminado pelas suas opções políticas, depois do 25 de Novembro?

Não, fui perseguido algumas vezes na política local [José Ferreira foi durante vinte e cinco anos presidente da Junta de Freguesia da Bajouca], mas só em termos de retórica.

Recebeu algum contacto do Comissão independente que tinha como missão elaborar o Relatório do 25 de Novembro?

Não, parece que o 25 de Novembro aconteceu e depois desapareceu. Hoje, fazem-se inquéritos para todo e mais alguma coisa. No desfecho, não houve militar nenhum que aparecesse e tivesse uma opinião diferente sobre o que tinha sido o 25 de Novembro. Eu comuniquei com o Tomás Oliveira Dias e o José Ferreira Júnior, e, penso que lhes perguntaram, visto que, para esse fim, ninguém me perguntou nada e eles sabiam o que se tinha passado com a Bajouca. Havia muitos militares que tinham opiniões próximas às nossas, que apareciam como uma “tábua de salvação”, desde o major Vítor Alves, entre outros, mas que depois passavam para o lado contrário.

Mas sabe que na altura havia muita informação e contra informação

Na altura não havia todos esses meios de informação que há hoje, nem internet nem e-mails. Por um lado podia ser mais fácil, por outro não. Quem quisesse estar informado tinha de ir a muitas reuniões a Leiria porque eles não vinham cá. O 25 de Novembro foi tão forte que eles não tentaram mais nenhuma a sério.

Conheceu algum militar que trabalhava dentro da Base?

Não. Eu fui tropa em Lisboa. Os que estavam em Monte Real, muitos nem eram de cá.

Sabe o que aconteceu com os militares e os pára-quedistas?

Não.

CD25A